

LINGUAGENS

COM

**FERNANDA
PESSOA**

Vênus de Willendorf, hoje também conhecida como Mulher de Willendorf, é uma pequena estatueta de calcário, descoberta em 7 de Agosto de 1908 por um trabalhador de nome Johann Koschek, que trabalhava na equipa do arqueólogo Josef Szonits. A estatueta tem uma altura representando estilisticamente uma mulher, descoberta perto de Willendorf, na Áustria. Foi esculpida em calcário na região e colorido com ocre vermelho. Num estudo publicado em 2013, investigadores examinaram através de tomografias de raios X as partículas dentro da estátua. Focaram-se nos aglomerados de calcário e comparando-as com aglomerados de depósitos de calcário oolítico encontrados em vários locais da Europa: desde França até Espanha. No estudo, amostras de calcário de Saga de Ala, um local na Itália, são "virtualmente indistinguíveis" do calcário Vénus, a mesma matéria-prima vir do sul dos Alpes. Os seus estudos revelaram que a Vénus continha fragmentos de minúsculos fósseis pertencendo ao género *Oxytonidae*. Esta espécie de molusco viveu há 2 milhões de anos, quando o género agora extinto esta espécie continha igualmente fragmentos bivalves(5). Em 1990, após uma revisão da análise estratigráfica, concluiu-se que a Vénus teria sido esculpida há 22 000 ou 24 000 anos. Porém, o significado cultural da Vénus não pretende ser discutido aqui. A Vénus não pretende ser uma representação feminina. A vulva, seios e barriga são extremamente exagerados, numa relação forte com o conceito da fertilidade. Os braços e pernas dobram-se sobre os seios e não têm um tipo de penteado ou cabelo. O apelido com que ficou conhecida é "Mulher de Willendorf". Não conseguem ver nesta figura com características femininas. Christopher Witcombe, professor na Swarthmore College, fez uma identificação irónica destas figuras com Vênus. "A Vénus é uma correntes, na época, sobre o que era na época. A Vénus é uma representação sobre as mulheres e sobre o sentido estético". O significado da Vénus como a deusa Mãe-Terra (Grande Mãe) da cultura celta. A Vénus e a concupiência representa um elevado estatuto social numa cultura. A Vénus à fertilidade, a imagem podia ser também uma representação



**COMPETÊNCIA DE ÁREA 4
E HABILIDADES DA PROVA
DE LINGUAGENS**



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

COMPETÊNCIA DE ÁREA 4 E HABILIDADES DA PROVA DE LINGUAGENS

Competência de área 4 - Compreender a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

H12 - Reconhecer diferentes funções da arte, do trabalho da produção dos artistas em seus meios culturais.

H13 - Analisar as diversas produções artísticas como meio de explicar diferentes culturas, padrões de beleza e preconceitos.

H14 - Reconhecer o valor da diversidade artística e das inter-relações de elementos que se apresentam nas manifestações de vários grupos sociais e étnicos.

RELAÇÃO DAS DIVERSAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS COM CULTURA, PADRÃO DE BELEZA E PRECONCEITOS

Arte, cultura, enem

Que o estudante precisa ter passado por uma educação artística satisfatória durante o Ensino Médio, todos já sabem. Mas o que foge da percepção da maioria é que a educação artística, na escola, deve ir muito além de fazer bandeirinhas, desenho geométrico ou recortes e colagens.

O ENEM espera que, durante a jornada de estudo, o estudo de Arte tenha contribuído para a humanização e sensibilização do estudante frente ao mundo e à realidade cotidiana.

É nesse sentido que o exame demanda a compreensão do aluno com relação a como a produção artística está relacionada com a **organização da sociedade**.

Produções artísticas & cultura



Desde a pré-história, com a pintura rupestre, o ser humano sente a necessidade de representar a realidade ao seu redor. Com o passar dos séculos, a arte evoluiu e ganhou novas formas e técnicas, podendo ser expressa por meio de pintura, escultura, música, dança, teatro, etc., e se consolidou como um dos meios mais comuns da expressão humana. Ela é até mesmo inerente aos sujeitos.

A arte é capaz de, por meio da expressão de um senso estético, estimular seus espectadores, provocar reflexão e reações, causando diferentes efeitos. Porém, mais do que a expressão de uma estética, a produção artística reflete a cultura e a história de um povo, levando em consideração os valores estéticos.

Nesse sentido, é preciso saber que a produção artística cultural sempre estará sob influência das diversas ideologias existentes dentro da sociedade. Isso significa que a cultura sempre dependerá do momento sócio-histórico, da relação entre o sujeito consigo mesmo e com a sociedade, da relação entre grupos étnicos e do contexto socioeconômico. Tudo isso tem relação com a ideologia.

A produção de arte **não** é um acontecimento que **anda separado** da vida em sociedade: ela reforça, então, o vínculo de **identidade dos grupos**, integrando-os ao mundo à medida que gera significados para os sujeitos os quais têm contato com a arte e a cultura. Sendo assim, pode-se afirmar que arte e cultura possuem uma profunda relação, principalmente porque têm significado para determinados grupos da sociedade. Contudo, também existe a cultura

feita para, na teoria, atingir todos os diferentes grupos. Muitas vezes, esse tipo de produção pode ser veladamente normativo, ou seja, impõem-se padrões, muitas vezes inalcançáveis, à sociedade. Mais adiante estudaremos isso com mais afinco.

Indústria cultural

“Indústria cultural” foi um termo usado no livro **Dialética do Esclarecimento**, escrito pelos filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer. Os dois foram grandes pensadores do instituto de pesquisa alemão chamado Escola de Frankfurt.

O livro surge a partir das ideias desenvolvidas pelos filósofos depois de terem fugido da Alemanha nazista em ascensão de Hitler. Os membros do instituto viveram na pele o horror dos regimes fascistas na Europa. Conseguiram, contudo, refúgio nos Estados Unidos. Em território norte-americano, assustaram-se ao perceber uma sociedade capitalista na qual absolutamente tudo era medido pelo dinheiro, o que abrange, igualmente, a cultura.



Max Horkheimer (à esquerda), Theodor Adorno (à direita), em 1964.

Adorno e Horkheimer, então, teorizam um estudo que abordava a questão da indústria cultural. Segundo os autores, esse termo servia para designar a maneira pela qual os **produtos culturais** dos setores artísticos eram (e ainda são) racionalmente produzidos, de acordo com a lógica fabril. Além disso, questionavam também como os meios de comunicação determinam seu consumo massivo.

Segundo os teóricos, tal fato advém da concentração da economia, bem como dos meios de comunicação, na mão de um pequeno grupo de pessoas. Essa questão é ainda mais presente nos dias atuais, uma vez que as mídias são empresas, as quais têm donos, sejam eles uma única pessoa ou um grupo econômico, os quais fazem parte de determinada classe social (em geral, alta) e representam os interesses desta.

A indústria cultural ainda é diferente da cultura de massa, de acordo com a concepção desses filósofos. A cultura de massa advém do povo e de suas regionalizações, não tendo o objetivo de ser comercializada; a indústria cultural, por sua vez, utiliza de padrões que se repetem a fim de formar uma estética comum que estimule o consumo.

Arte, cultura & padrão de beleza

Ao longo da história, diversos padrões de beleza foram difundidos, seja por meio do discurso, seja por meio da arte, enfim, todo canal por onde a comunicação pode ser feita é passível da reprodução de ideologias.

Muitas vezes, a arte reflete o padrão de beleza de uma época. Quando nos atemos às pinturas, podemos ver representações do que é tido como o ideal de belo e desejado por uma cultura. Esse ideal varia entre épocas e culturas. Em muitas épocas, ele estava ligado à ideia de fertilidade, como podemos ver na Arte Primitiva, com a Vênus de Willendorf. Em outros tempos, o padrão ligava-se ao esporte e à guerra. Contudo, seja em uma época ou em outra, o padrão de beleza quase sempre foi mais cruel com o corpo feminino. E, pelo menos ao longo dos dois últimos séculos, ao analisarmos os sujeitos que saem do padrão, perceberemos a estigmatização, o preconceito e a exclusão social pelos quais essas pessoas passam.

A seguir, observe a reprodução dos padrões de beleza na arte ao longo dos séculos:

Pré-história

A Vênus de Willendorf é uma peça de milênar, já estudada em nossa seção de História da Arte, que representa o padrão de beleza valorizado durante a era primitiva. Utilizava-se a escultura em rituais de fertilidade. Assim, as mulheres mais corpulentas representavam fertilidade, revelando uma maior chance de ter filhos.



Grécia Antiga

A primeira tentativa de padronizar a beleza humana seguiu o ideal de harmonia e equilíbrio entre as formas, então o corpo devia ter medidas proporcionais, como se verifica na Vênus de Milo. O estilo de vida pregado era o atlético, por isso, a prática de exercícios físicos era comum entre homens e mulheres.



Idade Média

Com o Cristianismo e a busca pela divindade, o belo, na Idade Média, estava ligado ao espiritual e às virtudes morais. Assim sendo, o nu é trocado por recato, principalmente entre as mulheres, cujos



corpos eram considerados tentadores. As mulheres, para serem consideradas belas, deviam usar vestes volumosas e seguir o exemplo da Virgem Maria, como vemos na **Madonna, de Giotto di Bondone**, ao lado.

Renascimento

A redescoberta dos textos greco-romanos e o humanismo centralizaram a imagem do homem e fizeram com que o corpo feminino fosse valorizado novamente. O ideal de beleza do período renascentista supunha mulheres voluptuosas, de quadris largos e seios fartos. As roupas, apesar de volumosas, deviam marcar a cintura e era permitido que o decote mostrasse os ombros. Todos esses ideais podem ser vistos no quadro **Fortitude, de Botticelli**.



Anos 20

O ideal de beleza era marcado por um pouco de androginia. O corpo feminino ideal tem cintura, seios e quadris com medidas parecidas. Por isso, os vestidos retos eram usados para disfarçar as curvas. Esse padrão



era bastante difundido por meio da sétima arte.

A emancipação feminina, com sua entrada no mercado de trabalho, popularizou os cabelos curtos.

Atualmente

Na atualidade, diferentes padrões convivem entre si. Mas, desde a década de 1990, a magreza das supermodelos influencia para que o corpo considerado ideal seja “liso”. Além disso, a cultura das academias padronizou os corpos esculpidos, musculoso e volumosos. Tal padrão ainda hoje alimenta a paranoia de uma beleza inatingível e não saudável.

Rompendo com o status quo...



O estudo de Vermeer - Fernando Botero (1964)

Na sociedade atual, o corpo que foge do padrão recebe o atributo de “socialmente impuro, estranho, depreciado, desvalorizado, diferente dos demais, considerado alguém menos desejável” (MATTOS; LUZ, 2009). Tal questão pode desencadear distintos problemas psicológicos nas pessoas que sofrem com esse tipo de preconceito, uma vez que sofrem constantemente com a violência simbólica, seja no momento em que uma vaga de emprego é negada, seja por comentários estéticos ou pela pressão social de médicos e familiares.

Na contramão do que se reproduz massivamente na mídia e nas publicidades, diversos(as) ativistas e blogueiras(os) quebram os paradigmas dos padrões de beleza, elucidando que o corpo gordo e/ou fora do padrão não necessariamente é um corpo não saudável.

Também há artistas que trazem para as artes plásticas o corpo volumoso, como Fernando Botero, o qual, mesmo não pintando como forma de ativismo, traz pessoas avantajadas para o protagonismo de suas obras.

ANÁLISE DA DIVERSIDADE ARTÍSTICA NAS DIVERSAS MANIFESTAÇÕES DE GRUPOS

Diversidade artístico-cultural

Afirmar que o povo brasileiro é **multicultural** implica o entendimento da **diversidade étnica** e **cultural** das distintas conjunturas sociais que o compõem.

Tal afirmativa provoca, também, a constatação do **contraste de acesso a bens econômicos e culturais** por parte das distintas camadas da sociedade. Nestas, são notadamente marcantes os determinadores de classe social, raça, gênero e diversidade cultural.

É de conhecimento geral que a sociedade brasileira transmite, por conta de sua própria formação histórica, o pluralismo. Sendo assim, hoje, somos uma **síntese intercultural** e não um simples mosaico ou um recorte de culturas, e isso se dá por meio de uma organização cultural. Portanto, nossa singularidade consiste em aceitar a diversidade e transformá-la em algo mais universal. Isso significa, na prática, que o diálogo entre culturas supera o relativismo cultural e enriquece os valores universais.

Por conta de tudo isso, devemos valorizar as diferenças culturais que compõem o Brasil, reconhecendo-as como fator determinante para a convivência harmoniosa entre as variadas brasilidades. Se a cultura é natural ao homem, então a diversidade cultural é a biodiversidade humana.



O estudo de Vermeer - Fernando Botero (1964)

Maracatu

O maracatu pode ser definido como um ritmo nascido em Pernambuco, ainda no período colonial, criado pelos escravos que residiam no estado. Entretanto, mais do que uma estética genuinamente nordestina, a dança representa um símbolo das relações de poder e, ainda, uma importante ferramenta de **resistência** histórica, antropológica, política e cultural.



Caboclos do Maracatu,
Fábio Luna

Frevo

O frevo também nasceu em Pernambuco, no final do século XIX, sendo derivado da marcha e do maxixe. O gênero é muito comum no carnaval e a dança tem origem na capoeira, por isso, os ritmos são considerados “primos”. O surgimento do frevo foi impulsionado pela proibição da prática do maracatu devido aos passos de luta. Assim, o frevo foi idealizado como uma luta e a **sombrinha**, originalmente, servia de arma para ataque e defesa dos passistas opositores. Hoje, o frevo tem cerca de 100 passos que desafiam o corpo e a física.

Curiosidade

O frevo, reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2007, foi também incluído na lista de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas (Unesco), em dezembro de 2012.

Carimbó

O carimbó é um ritmo popular da região norte do Brasil e representa muito bem a fusão entre as influências das culturas indígena, africana e portuguesa. O ritmo tem origem tupinambá, mas foram os povos escravizados que a transformaram no que se conhece hoje. Tornou-se Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil em 2014, registrado unanimemente pelo

conselho do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O nome carimbó advém de **curimbó**, nome dado ao tambor de madeira escovada que predomina na música. Esse tambor é tocado pelos **batedores**, que sentam-se no instrumento e o tocam com as mãos. Além dos batedores, outros músicos se dispõem ao redor do curimbó, que é acompanhado pelas maracás, o milheiro, o banjo, o pandeiro e um instrumento de sopro que pode ser a flauta, o clarinete ou o saxofone.

Além de um ritmo musical, o carimbó representa a **identidade cultural, artística, social, ambiental e histórica** do Pará. Os compositores costumam ser agricultores ou pescadores de comunidades ribeirinhas e rurais da Amazônia. As letras das músicas costumam ter como tema o cotidiano dessas comunidades ou, ainda, a fauna e a flora da região. O ritmo é acompanhado por coreografias marcantes, de passos miúdos, dançada em roda sem que haja contato físico entre os dançarinos.

Bumba meu boi



Bumba meu boi, ou Boi-bumbá, é uma dança do folclore popular brasileiro, que é feita com personagens humanos e animais fantásticos. É uma dança tradicional típica das regiões norte e nordeste do Brasil. Desde 2012, o Bumba meu boi é considerado Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A manifestação cultural gira em torno da lenda de Catirina, uma escrava que estava grávida e teve o desejo de comer língua de boi. Seu marido, Francisco, sacrifica o boi favorito do patrão, que fica furioso e ameaça matar Francisco. No final, um pajé salva tudo, ressuscitando o boi e garantindo um final feliz.

Festival Folclórico de Parintins

No estado do Amazonas acontece, anualmente, o Festival Folclórico de Parintins. É celebrado na última semana do mês de junho desde 1965, na cidade de Parintins. A festa

é reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Tradicionalmente, a celebração acontece no Centro Cultural e Esportivo Amazonino Mendes, mais conhecido como Bumbódromo, que tem formato de cabeça de boi e recebe até 35 mil pessoas.

As apresentações duram três noites seguidas. A atração do festival é o desfile dos bois Caprichoso, representado na cor azul, e Garantido, na cor vermelha. Atrás dos bois, seguem seus grupos, que reúnem até 4 mil pessoas. Depois do evento, o vencedor desfila pelas ruas de Parintins.

Além dos bois, os desfiles têm fantasias e adereços confeccionados de acordo com uma temática específica. O mestre de cerimônias narra o enredo e há músicas.

Literatura de Cordel



A literatura de cordel foi popularizada no Brasil no século XVIII. Entretanto, suas origens têm ligação direta à idade medieval. Ainda nos séculos XII e XIII, em Portugal, era comum a figura do **trovador**, responsável por cantar poemas e, assim, espalhar histórias para a população que era, majoritariamente, analfabeta.

No Renascimento, a criação da imprensa permitiu que esses textos fossem, também, impressos e divulgados em pequenos livretos. Em Portugal, esses livretos eram expostos em cordas (ou cordéis, como eram chamados no país).

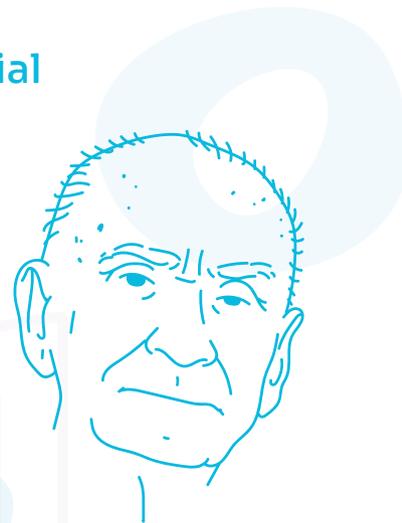
Foram os colonizadores portugueses que trouxeram esse formato literário para o Brasil. Aqui, os grandes responsáveis pela sua popularização foram os **repentistas**, figuras parecidas com os trovadores, que cantam poemas rimados no improviso, geralmente acompanhados por um pandeiro, podendo ser acompanhado da viola ou da rabeça. O cordel também é conhecido como poesia popular, pois narra histórias do folclóricas de forma simples, possibilitando o entendimento da população. Os autores da literatura de cordel são chamados de **poetas de bancada ou de gabinete** e sua arte é famosa em Pernambuco, Ceará, Paraíba, Bahia e Rio Grande do Norte.

As principais características da literatura de cordel são a **métrica fixa**, isto é, um número determinado de sílabas poéticas, dando musicalidade aos versos e o enfeite das capas dos livretos com a **xilogravura**, técnica que consiste no uso de carimbos de madeira.

A Literatura de Cordel também foi reconhecida pelo Conselho Consultivo como Patrimônio Cultural Brasileiro Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Movimento Armorial

A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos 'folhetos' do Romancero Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a Música de viola, rabeça ou pífano que acompanha seus 'cantares', e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romancero relacionados.



Ariano Suassuna

O Movimento Armorial surge como um movimento artístico que tinha a finalidade de criar uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular da região Nordeste. Foi encabeçado principalmente pelo escritor e professor Ariano Suassuna. O movimento orientou, a partir dessa ideia, todas as formas de expressão artística: música, dança, literatura, artes plásticas, teatro, cinema, arquitetura, entre outras expressões.

Além de Ariano Suassuna, a mobilização artística surgiu com a parceria de diversos artistas e escritores nordestinos e com o auxílio da antiga Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Pernambuco. Posteriormente, obteve apoio da Prefeitura do Recife e da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. Seu lançamento, logo após o financiamento da prefeitura, realizou-se oficialmente no Pátio de São Pedro (centro do Recife), com a realização de um concerto e uma exposição de arte.



Balé Popular do Recife, 1979.

“Armorial”, segundo Ariano Suassuna, simboliza o conjunto de insígnias, brasões, estandartes e bandeiras de um povo. Para ele, a heráldica constituía uma arte primordialmente popular. O nome do movimento, então, simboliza a conexão com essas heráldicas raízes culturais brasileiras.

Os armorialistas deram grande importância aos folhetos pertencentes à literatura de cordel. Nesses, encontrava-se a raiz de uma arte e uma literatura que expressa as aspirações e o espírito do povo brasileiro. Ademais, o cordel reúne três formas de arte: a narrativa e a poesia, a xilogravura e a música.

Os espetáculos populares do Nordeste também eram de grande importância. Feitos ao ar livre, traziam para cena personagens míticas, cantos, roupas principescas esfarrapadas. Além disso, nas peças havia músicas e animais misteriosos, como o boi e o cavalo-marinho, pertencentes à cultura do bumba-meu-boi nordestinos.

Outros artistas envolvidos com a arte armorial, além de Suassuna, são Gilvan Samico, Antonio Madureira, Francisco Brennand, Raimundo Carrero, Guerra-Peixe, Maximiano Campos, entre outros. Dentro dos grupos artísticos, destacam-se o Balé Armorial do Nordeste, a Orquestra Romançal e o Quinteto Armorial.



Capa do LP do grupo Quinteto Armorial

Grafite

O grafite surgiu em Nova York, na década de 1970, e chegou ao Brasil no final dessa mesma década, em São Paulo. O movimento surgiu quando um grupo de artistas começou a desenhar as paredes da cidade, ao invés de apenas escrever.

A associação do grafite com a escrita (chamada de pichação) faz com que seja visto como um ato de vandalismo cujo intuito é apenas divertir-se provocando as pessoas, entretanto, trata-se de um movimento artístico organizado, com bases nas artes plásticas, em que o artista usa intencionalmente do desenho para interferir nos espaços públicos.

Manguebeat



A palavra “manguebeat” é uma fusão da palavra mangue (ecossistema da costa do Nordeste) com beat, palavra inglesa que significa batida e remete aos códigos utilizados na informática: beat, bits.

Criado em Recife, o Movimento Manguebeat surgiu em 1991. Consistia em uma cena de contracultura, envolvida principalmente à questão musical. Mesclando elementos da cultura regional de Pernambuco, como o maracatu rural, o pop, o rock’n roll e o hip-hop, o Manguebeat também traçou um perfil próprio de exprimir visualmente essa mistura.

Os artistas utilizavam o chapéu de palha, típico da cultura pernambucana, como símbolos do movimento. Misturavam também os acessórios da cultura pop para exprimir um efeito visual: óculos escuros, camisetas estampadas, tênis e colares coloridos.

Os principais idealizadores do movimento foram Chico Science, Fred Zero Quatro, Renato L, Mabuse e Héder Aragão. Somaram-se a eles Jorge do Peixe, Pupilo, Lúcio Maia, Toca Ogan, Gilmar Bola 8, Gustavo da Lua, Otto, entre outros.

Para refletir:

1. Revista Kuruma'tá: Nós vivemos essas coisas (ou O Recife partido em 4 bandas). Link: <http://kurumata.com.br/2019/12/19/nos-vivemos-essas-coisas-ou-o-recife-partido-em-4-bandas/>

2. Chico Science & Nação Zumbi - Maracatu Atômico. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=G63uF288T4>

3. Revista Continente: UMA TURNÊ PARA MOSTRAR O 'NORDESTE'. Link: <https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/173/uma-turne-para-mostrar-o--nordeste->

4. GQ+: 10 cidades onde o grafite virou patrimônio cultural. Link: <https://gq.globo.com/Prazeres/Design/noticia/2014/02/10-cidades-onde-o-grafite-virou-patrimonio-cultural.html>





Estamos juntos nessa!

